



MIEKO E O QUINTO TESOURO

Eleanor Coerr

Para as crianças de Nagasaki

Quando a bomba foi lançada sobre Nagasaki, a aldeia de Mieko ficou em ruínas e a mão da menina gravemente ferida. A maior paixão de Mieko é a caligrafia mas, agora, mal consegue segurar um pincel. Sente, também, com tristeza, que perdeu aquilo que lhe permite pintar: o lendário quinto tesouro, que representa a “beleza de coração”. Forçada a ir viver com os avós e a frequentar uma nova escola, a coragem de Mieko é duramente posta à prova. Contudo, a menina aprende que o tempo e a paciência podem ajudá-la muito, inclusive a reencontrar o quinto tesouro.

1

Mieko

— Mieko, vem tomar o pequeno-almoço! — chamou a avó, num tom de voz alegre.
— São horas de levantar!

Mas Mieko já não estava deitada. Estava sentada no seu quarto, quase imóvel, e cheia de pena de si mesma.

— Desço já! — respondeu.

A menina olhou fixamente para o material de pintura alinhado em cima da cómoda lacada de vermelho, que o seu professor de Arte, o Senhor Araki, designava por “os quatro tesouros”. Eram um lindo pincel de pelo de zibelina, uma pedra de tinta, um godé com a forma de um lago de nenúfares e um rolo de papel de arroz. Mieko tinha-os utilizado para pintar ideogramas japoneses. Esta atividade, a caligrafia, era a sua favorita.

O Senhor Araki também lhe dissera: “Mieko, és uma das poucas pessoas que nasceram com o quinto tesouro: a beleza de coração. Quando pintas, essa beleza flui do teu coração para a tua mão, para o pincel, e passa para o papel. Se praticares muito, virás decerto a ser uma grande artista.”

Mieko nunca compreendera muito bem o significado de “beleza de coração”, mas sabia que a sua maior felicidade consistia em ter um pincel na mão e ver como saía cada vez mais perfeito cada traço que desenhava.

Suspirou ao pensar como era maravilhoso estar sentada no seu quarto a pintar, sozinha. Costumava entrelaçar traços, curvas e pontos para compor ideogramas que pareciam ter vida própria. Os dois traços que fazia para escrever “homem” assemelhavam-se a duas pernas calcorreando campos. E quase conseguia ouvir as pingas no ideograma para “chuva”. Quando pintava, Mieko vivia num mundo mágico.

Porém, tudo mudara.

Nunca esqueceria o dia em que a bomba atómica fora lançada em Nagasaki, gerando ondas de choque que atingiram a cidade onde vivia. Parecia o fim do mundo. Janelas estilhaçadas e telhas pelo ar. Mieko vira-se atirada ao chão e, quando ergueu o braço para proteger a face, um estilhaço de vidro atingiu-a na mão e fizera-lhe um corte profundo, desde os dedos até ao pulso. O sangue jorrava. Agora, duas semanas mais tarde, a ferida ainda latejava, dolorosa, por baixo da ligadura.

“Não é grave,” dissera o pai, na sua voz tranquilizadora de médico. “Essa mão vai sarar depressa e em breve estarás de novo a pintar.”

Mas Mieko não acreditara nele, porque a ferida tinha um aspeto horrível e mal podia

mexer a mão. Aliás, ouvira o pai fazer este comentário a respeito de feridas ainda muito mais graves do que esta, porque queria que os doentes se sentissem confiantes.

Depois do que aconteceu, os pais mandaram-na para a quinta dos avós.

“São só alguns meses, Mieko,” explicara a mãe, com um sorriso forçado. “O teu pai e eu temos de ficar aqui a tratar dos feridos. Além do mais, o ar fresco e a comida da quinta far-te-ão bem.”

Mieko preferia ficar em casa. A ideia de deixar os pais e os amigos amargurava-a. Receava ter de ir para outra escola e odiava aquela bomba horrível que destruíra tudo.

“Com tanta dor e ódio dentro de mim, deixou de haver espaço para a beleza”, pensou. O quinto tesouro sumira-se.

— O pequeno-almoço está à tua espera, Mieko! — chamou de novo a avó.

A menina deu uma escovadela rápida na franja e desceu as escadas.

Sentou-se na mesa baixa e tentou pegar nos pauzinhos para comer. Quando estes caíram ao chão, a avó pegou neles e deu de comer à neta, como se ela fosse um bebé. Com um sorriso na sua cara redonda, ia metendo a comida na boca de Mieko e no final, com cuidado, limpou-lhe o queixo.

— A boa comida tudo cura — disse.

Cheia de pena de si mesma, Mieko nem se importou com aquele gesto carinhoso.

— Olha que magrinha que estás! — exclamou a avó, dando-lhe um leve belisco no braço. — Pareces um rebento de bambu. Guardámos este arroz branco especial para uma ocasião importante, como a tua estadia. Por isso, tens de comer todos os grãos.

Mieko lembrou-se de que a mãe chamava “arroz prateado” àquela variedade e sentiu muitas saudades de casa. As lágrimas picavam-lhe os olhos e mal conseguia engolir.

A avó abraçou-a e embalou-a com ternura.

— Pronto, pronto! Estás cansada da longa viagem de comboio de ontem. — Amanhã sentir-te-ás melhor — assegurou o avô.

Mieko baixou a cabeça: os avós não compreendiam. Como poderia o dia de amanhã ser melhor? Nunca mais voltaria a pintar ideogramas e nunca mais sentiria a alegria de possuir o quinto tesouro. Apenas ouviria a bomba, uma e outra vez, e saberia que a vida na sua cidade não voltaria a ser a mesma.

Depois do jantar, tomaram banho, todos, na tina do quintal e vestiram quimonos de algodão. Em seguida, sentaram-se ali a desfrutar da brisa do entardecer. No crepúsculo, os grilos começaram a cantar. Mas Mieko achou-os tristes.

O avô apontou para um rochedo no minúsculo jardim das traseiras.

— Vês aquilo? — disse, com orgulho. — Trouxe-o da montanha numa carroça, o ano passado. Consegues ler as palavras que tem inscritas?

Mieko estudou os traços que compunham os ideogramas, mas não eram fáceis de decifrar. Abanou a cabeça em sinal de desistência.

— *Água derramada nunca volta ao copo* — explicou o avô. — Significa que não devemos preocupar-nos com o que não pode ser mudado.

O velho fez uma pausa para expelir o fumo do cigarro e acrescentou:

— Coisas, como a derrota do Japão na guerra, coisas como tudo o que a bomba destruiu. Coisas como a tua mão ferida e a tua vinda para aqui — concluiu, olhando de relance para a mão de Mieko.

A avó sorriu, deu uma palmadinha no ombro da neta e disse:

— Sei que não é fácil para uma criança de dez anos compreender tudo isto, mas tens de fazer um esforço.

Mieko conteve as lágrimas. Não queria compreender. Apenas queria voltar para casa e que tudo voltasse a ser como dantes.

À hora de deitar, a avó estendeu um futon no quarto de Mieko e pendurou uma rede mosquiteira em volta dele. Quando viu os quatro tesouros em cima da cómoda, acenou com a cabeça, em sinal de aprovação.

— Vejo que não esqueceste os teus objetos de caligrafia. Fizeste bem. Em breve voltarás a praticar.

— Não, não voltarei! — explodiu Mieko, enfiando os quatro tesouros numa gaveta. — A bomba deu cabo de tudo, avó. Nunca mais vou voltar a pintar.

— Não digas isso — pediu a avó, desconcertada. — A tua mão vai melhorar...

— Mas os meus dedos vão ficar sempre hirtos e desajeitados como camarões secos — disse Mieko, em voz baixa. — E as minhas pinceladas parecerão paus.

A menina deitou-se no futon e cobriu a cabeça com o lençol. A avó suspirou.

— Vou escrever aos teus pais a dizer que chegaste bem. Dorme descansada — disse, apagando a luz.

Era a primeira vez que Mieko estava longe de casa sozinha. Tinha saudades do seu quarto, em cujas paredes pendurara o quadro do seu professor e em cuja janela rumorejavam as folhas do pessegueiro da mãe. E se algo acontecesse aos pais? E se adoecessem e morressem? E se nunca mais os visse? Por fim, exausta, Mieko abafou a boca com uma almofada e chorou até adormecer.

Nessa noite, teve um pesadelo. Um avião zumbia por cima da cabeça e uma bomba enorme explodiu na sua face. Quando Mieko, aos gritos, acordou, encontrou o avô ajoelhado junto à cama.

— A guerra já terminou — disse, abraçando-a. — Acabaram-se as bombas.

Mas Mieko não parava de soluçar e de tremer.

— Não chores — sussurrou o avô. — As tuas lágrimas não vão ajudar os que a bomba atômica matou. As almas deles precisam de atravessar o Rio da Morte para chegarem ao céu. Cada lágrima que derramas cai no rio e torna-o mais fundo.

Mieko estremeceu ao imaginar o que seria debater-se com aquela água gelada e, aos poucos, foi-se acalmando.

O avô esticou as roupas da cama e disse:

— Chega de pensamentos tristes. Tenta dormir tão profundamente como o rochedo do jardim.

Mal o avô saiu, Mieko abeirou-se da janela aberta e afastou a franja do cabelo para que o ar fresco da noite lhe refrescasse a testa húmida. Sem luar, mal podia ver o rochedo do avô. Sentia pena dele, ali tão sozinho e rodeado de tanta escuridão. Parecia-se com ela.

2

A casa dos avós

Todas as manhãs, Mieko enfiava o vestido que a avó costurara a partir de um velho quimono de algodão. Sem botões ou cinto, para que a menina pudesse enfiá-lo pela cabeça com facilidade. A avó pusera as blusas de manga comprida e as calças largas que Mieko trouxera num saco de restos de tecido.

— Não percebo por que razão o governo obrigou as raparigas a vestir aquelas roupas quentes e ásperas. Ainda bem que a guerra acabou e já podes vestir roupas decentes de novo — disse, sentada sobre os calcanhares, enquanto olhava Mieko de alto a baixo. — Estás com muito melhor aspeto — opinou, com um sorriso satisfeito. — Já pareces outra vez uma rapariga.

Na quinta havia sempre muito que fazer. A avó não parava de fazer coisas: cozinhar, limpar, varrer, remendar roupas. Mieko tentava ajudar dando de comer às galinhas, indo buscar os ovos, polindo a varanda de madeira, acendendo o lume sob a tina de banho ao fim da tarde, ou borrifando a terra seca e gretada do caminho poeirento.

As tarefas da cozinha eram mais difíceis, porque a mão de Mieko era desajeitada e doía-lhe sempre que tentava segurar uma faca ou uma colher. E com a mão esquerda demorava muito a cortar beringelas e pepinos.

Uma vez, deixou cair ao chão um prato cheio de peixe cortado, e ficando ela ali de olhar fixo no monte de comida, a morder o lábio, exclamou:

— Não presto para nada!

A avó apanhou o peixe e disse-lhe:

— Não te preocupes, Mieko. Não tem importância. O médico disse na semana passada que a tua mão em breve ficará boa. Vais ver que estas coisas deixarão de acontecer.

Mieko ficou calada. Sabia que a mão nunca mais ficaria igual.

À medida que o verão passava, a menina ia ficando cada vez mais preocupada com a escola. Como os avós ainda não tinham falado do assunto, Mieko tinha esperanças de que o tivessem esquecido. Contudo, numa abafada manhã de setembro, quando estavam a comer arroz e sopa de miso, a avó anunciou calmamente:

— Mieko, na próxima semana vais para a escola.

A neta quase deixou cair a colher de porcelana que tentava levar à boca. De repente, ficou sem fome. Durante alguns momentos, só se ouviram os sons habituais de uma manhã na quinta: galinhas a cacarejar e pássaros a piar no jardim.

Os avós trocaram olhares preocupados.

— Tens de ir para a escola — disse o avô. — É importante que continues os teus estudos.

Mieko concordava com ele. Contudo, a ideia de uma escola estranha assustava-a, com crianças que não conhecia e ela com aquela mão horrível e deformada.

— Se calhar, não vão gostar de mim — disse, em voz baixa.

— Não vão gostar de ti? — perguntou a avó, com um olhar indignado. — Porque não haveriam de gostar de ti? És simpática, bem-educada e tens roupas novas.

Foi então que mostrou à neta um uniforme escolar bem costurado e passado a ferro:

— Quis fazer-te uma surpresa. Vai experimentá-lo.

Mieko não gostava daquele tipo de surpresas. A tremer, vestiu a saia azul e a blusa branca que cheiravam a cânfora.

— Guardei estes pedaços de tecido durante a guerra — confessou a avó, puxando a saia de Mieko para a endireitar. — O uniforme fica-te lindamente — sorriu, encantada.

Mieko agradeceu, baixando os olhos:

— Obrigada, avó.

Na manhã do primeiro dia de escola, Mieko entrou na cozinha com ar pálido.

— Acho que estou a ficar doente — disse, tossindo. — Dói-me a garganta. Se calhar, estou a ficar com papeira.

— Abre a boca e diz “Ahhhh” — pediu a avó, no seu tom de voz prático.

Segurou a língua da neta com uma colher e espreitou para a garganta. Apalpou-lhe depois o pescoço e no fim sentenciou:

— A tua garganta está ótima e as tuas glândulas não estão minimamente inchadas.

— Tenho mesmo de ir para a escola hoje, avó? — perguntou Mieko em tom de súplica.

A avó nem lhe deu atenção. Continuou a enfiar arroz em crepes de tofu, que mais pareciam velas enfunadas, e colocou-os, bem arrumados, numa lancheira.

— Está muito calor! — exclamou, tocando ao de leve no pescoço, com a ponta do avental. — Não caminhes depressa de mais hoje de manhã, Mieko!

A neta adiantou:

— Nem sei onde fica a escola. Se calhar, ainda me perco.

— Eu levo-te lá, fica a caminho do campo — interrompeu o avô. — Agora, corre para o quarto e vai arranjar-te.

— Não te esqueças dos materiais de caligrafia — recomendou a avó, enquanto colocava um petisco de peixe seco na lancheira.

Mieko achou que seria disparate levar os quatro tesouros, uma vez que não iria usá-los. Mas, para agradar à avó, meteu-os na pasta de couro preto. Demorou muito a aprontar-se. Quando o avô irrompeu pelo quarto dentro, viu-a a pentear o cabelo e a arranjar o uniforme, sem qualquer necessidade.

— Vamos! — disse, com firmeza. — Não vais querer chegar tarde logo no teu primeiro dia!

— Mas o primeiro dia é sempre tão assustador... — choramingou Mieko. — Vou sentar-me na carteira errada... dizer as coisas erradas... e todos vão olhar para a minha mão.

Mieko achava que a pele nova e avermelhada que despontava na sua mão ferida tinha ainda pior aspeto do que as crostas a sair. Contudo, não tinha outra solução senão arrastar-se para a escola ao lado do avô, cuja mão calejada segurava a sua. Quando chegaram, Mieko hesitou.

— Vá lá, entra! — incitou o avô, empurrando-a com delicadeza. — Vai correr tudo bem!

Mieko ficou a ver o avô caminhar com passo decidido até ele desaparecer na esquina. Por momentos, manteve-se imóvel, paralisada pelo medo. Lá por fim, depois de um suspiro longo e trémulo, atravessou lentamente a porta de entrada da escola.

3

A escola

Mieko descalçou os socos de madeira e colocou-os numa das caixas de calçado do átrio da escola. Limpou as mãos húmidas à saia e, ora apoiando-se num pé ora noutro,

esperou que a professora aparecesse e lhe dissesse para que sala ir. Imaginou uma professora velha e má.

Pelo canto do olho, viu os alunos entrar. Alguns riam, outras vinham de braço dado. Tinham vivido ali a vida inteira e conheciam-se bem. Nenhum deles lhe dirigiu a palavra.

Mieko ficou agradavelmente surpreendida quando uma mulher jovem e bonita se apresentou:

— Deves ser a Mieko — disse, afetuosa. — O teu avô falou-me de ti. Sou a Menina Suzuki.

Após uma respeitosa vénia, Mieko seguiu a professora para dentro da sala de aula e sentou-se numa carteira perto do fundo. A professora deu-lhe um lápis grosso, cuidadosamente afiado nas duas pontas, e algumas páginas de um jornal velho.

— Tenta escrever nos espaços em branco — disse. — Espero que venhamos a ter mais material agora que a guerra terminou. Até lá, vamos remediando com o que temos.

Mieko quando olhou em redor e viu todos aqueles rostos fechados, sentiu, mais do que nunca, o significado da palavra “solidão”.

— Temos uma aluna nova — anunciou a professora. — Por favor levanta-te, Mieko.

De joelhos a tremer, a menina levantou-se perante trinta pares de olhos que a fitavam. Corou e tentou esconder a mão atrás das costas. A professora continuou:

— A Mieko acaba de chegar de uma cidade perto de Nagasaki e espero que todos a façam sentir bem-vinda e a ajudem a conhecer a nossa escola.

Estas palavras deram origem a um burburinho na sala. Enquanto se sentava de novo, Mieko ouviu sussurros:

— Foi onde explodiu a bomba...

A manhã parecia não ter fim. Mieko sentia-se tão nervosa que tropeçou nos próprios pés e deixou cair o livro duas vezes. Na aula de História, não conseguiu lembrar-se de todos os nomes dos imperadores japoneses, ao invés dos seus colegas. E nem sequer tentou escrever, mantendo antes as mãos no regaço.

Aquando dos exercícios de aritmética, ouviu-se um barulho súbito lá fora e então Mieko rapidamente se enfiou debaixo da carteira. Mal o fez, sentiu-se logo mal. Afinal não passava do estampido de um tubo de escape dum camião, mas Mieko tremia, julgando ser a explosão de uma bomba.

Nesse momento, a professora apontava para um ábaco gigante que estava diante do quadro e interpelou-a:

— Mieko, vem resolver este problema de multiplicar, por favor.

— Não ouvi a sua pergunta — gaguejou a menina, com a boca seca.

A voz da Menina Suzuki denotou desaprovação:

— Tens de tentar prestar mais atenção, Mieko — disse.

À hora do almoço, Mieko sentia um nó no estômago. Não conseguiu comer um pedacinho só que fosse do arroz e do peixe que a avó lhe preparara. Ficou sentada, a olhar fixamente para os pauzinhos. Como poderia usá-los diante dos colegas? E se deixasse cair comida?

Entretanto, Mieko relacionou-se com uma colega chamada Yoshi. Era pequena, delicada e usava um laço vermelho no cabelo. Cheirava a flores e Mieko desejava ser calma e bonita como ela, em vez de se sentir inquieta, irascível e suada.

Em breve um grupo de raparigas se juntou a elas, olhando Mieko com curiosidade e fazendo perguntas:

— Ficaste com essa cicatriz por causa da bomba? O que aconteceu? Houve muitos mortos?

Os olhos de Mieko percorreram o grupo. De repente, sentiu-se acalorada e tonta e as suas pernas cederam. O círculo de rostos começou a desvanecer-se e a menina caiu, redonda, no chão. As raparigas ficaram subitamente quietas e afastaram-se.

4

O avô

Quando Mieko recuperou os sentidos, ouviu vozes. O diretor falava com a Menina Suzuki. Mieko sentou-se e bebeu um pouco de água. Naquele momento, só desejava sair dali.

— Achas que consegues ir sozinha para casa? — perguntou a Menina Suzuki, preocupada. — Posso mandar um dos teus colegas acompanhar-te.

— Não, muito obrigada! — respondeu Mieko prontamente. — Já me sinto bem.

Se a avó soubesse do desmaio, ficaria apoquentada e chamaria logo o médico.

Mieko saiu da escola e, em vez de ir logo para casa, dirigiu-se para o campo, devagar. O avô estava debruçado, até à anca, nos pés de arroz que começavam a ganhar um tom castanho dourado. Mieko parou no caminho, a pontapear pequenas montes de terra seca, até que o avô a viu e veio ter com ela.

— Ufa! — exclamou o velho, deitando o chapéu para trás e limpando a testa com um toalhete. — O outono está atrasado este ano. O tempo mais fresco vai saber bem.

A neta reparou na semelhança extraordinária entre as feições do avô e do pai, embora a cara do avô fosse mais magra e enrugada e o cabelo cinzento.

— Como correu a escola? — perguntou ele, prendendo o toalhete no cinto.

— Foi horrível! — murmurou Mieko.

O avô lançou-lhe um olhar furtivo que parecia ler a mente da neta.

— Isso é de mais para uma menina — comentou, esfregando os nós dos dedos para aliviar a dor da artrite. — Tentaste fazer amigos?

Mieko pensou em Yoshi, mas encolheu os ombros e manteve a cabeça baixa, para evitar os olhos do avô.

O idoso apontou para o campo em redor.

— Vês tudo isto? O arroz não cresce sozinho. Tenho de plantar as sementes, adubá-las e ver se as ervas daninhas não atrapalham o seu crescimento. Depois, tenho de separar as plântulas e plantá-las noutra lugar. Não é uma tarefa fácil.

De semblante sério, acrescentou:

— Também não é fácil fazer amizades quando se detesta quase toda a gente.

O avô endireitou-se e iniciou o caminho de regresso ao campo.

— Pensa nisso! — disse ele à neta, ao virar as costas.

Mieko estava demasiado perturbada para pensar nas palavras do avô. Quando chegou a casa, esperava-a um choque. Cuidadosamente pousados junto à porta estava um par de sapatos abertos, castanhos e envernizados.

Mieko tentou passar despercebida pela sala de estar, mas a avó ouviu-a.

— Até que enfim que chegaste! Estávamos à tua espera. Vem cumprimentar a Menina Suzuki.

Mieko suspirou e entrou na sala. Ajoelhou-se no tapete e inclinou a cabeça em jeito de cumprimento, enquanto se perguntava o que queria a professora.

A avó serviu chá a Mieko, numa das suas melhores chávenas. A neta reparou no padrão de flores, igual ao do serviço da mãe.

— A Menina Suzuki acha que deverias ficar em casa durante algum tempo até recuperares as forças — disse a avó.

A professora assentiu com a cabeça.

— Quando te sentires melhor, Mieko, regressas à escola. Não há motivo para pressas — disse, lançando um olhar à avó.

Mieko observou-as, olhando por cima da borda da chávena.

A avó franziu a testa, enquanto enfiava no carrapito uma madeixa cinzenta que se soltara, e disse:

— A Mieko tem de se habituar às outras crianças. Quanto à pintura...

A professora inclinou-se para a frente e baixou a voz:

— Não se preocupe. A Mieko vai voltar para a escola em breve e não terá dificuldades em recuperar o tempo perdido. Claro que não há motivo para não continuar a pintar em

casa...

A cara de Mieko iluminou-se. Estas palavras significavam o fim das aulas e das perguntas. Talvez nunca mais regressasse à escola. Mas como poderia ela continuar a pintar? Sem o quinto tesouro, tudo seria inútil.

A cara de Mieko iluminou-se. Estas palavras significavam o fim das aulas e das perguntas. Talvez nunca mais regressasse à escola. Mas como poderia ela continuar a pintar? Sem o quinto tesouro, tudo seria inútil.

Nesse mesmo dia, mais tarde, chegou uma carta da mãe.

Querida Mieko,

O teu pai e eu temos tantos doentes para atender que passamos longas horas na clínica. Esperamos que te sintas feliz na quinta e que estejas a recuperar as forças e a saúde. Por esta altura, já deves estar na escola, a fazer novos amigos. Escreve-nos logo que possas. Sentimos a tua falta.

Um beijo,

Mãe.

— Novidades de casa? — perguntou a avó.

Mieko abanou a cabeça. Depois, correu para o quarto e guardou a carta. Nessa noite, já ela estava deitada quando o avô chegou a casa. Os seus passos pesados e cansados soaram nas escadas.

— Mieko — sussurrou. — Ainda estás acordada?

A menina cerrou os olhos e fingiu dormir. Não estava com vontade de ouvir falar da cultura do arroz ou da necessidade de fazer amigos.

— Quero que saibas que te compreendo — disse o avô, como se soubesse que o sono dela era fingido. — Sei que voltarás para a escola, na altura certa.

A gentileza do tom de voz do avô fez com que Mieko se sentisse pior. Muito quieta, sustendo a respiração, ouviu-o dizer, junto da porta do quarto:

— Acredita, Mieko, que um belo dia hás-de encontrar uma amiga. E essa felicidade vai fazer com que voltes a pintar lindos ideogramas.

Mieko ouviu o som da porta a fechar.

“O meu avô está enganado”, pensou. “Perdi o quinto tesouro para sempre e nunca mais serei feliz”.

5

A espera

A avó deixou de solicitar Mieko. Muito antes de a neta se levantar, vestia as calças e a blusa de trabalho em algodão preto, punha um chapéu de palha na cabeça e ia ajudar o marido nos campos. A ajuda dela era necessária, porque muitos homens jovens tinham ido para a guerra e não haviam voltado.

Os dias decorriam monótonos, como tiras de algas secas e velhas.

Mieko refugiava-se em seus pensamentos, erguendo um muro à sua volta, tal como uma tartaruga constrói a sua carapaça. Sempre a pensar no passado e na casa. Às vezes, ralhava com as galinhas, para as impedir de bicarem os painéis de papel das portas deslizantes. Outras vezes, observava as aranhas a tecerem teias, por entre as rochas de debaixo da varanda. Mieko assemelhava-se ao caracol que se movia devagar em direção à sombra. Fechada dentro de si mesma e silenciosa.

Passava horas sentada no tatami da sala de estar, a estudar os rolos pintados da alcova. A avó mudava-os conforme as estações do ano. O rolo atual mostrava árvores com folhas de cores outonais e um poema escrito com pinceladas graciosas.

*Pareceu-me ver as folhas levantar
e aos ramos retornar;
mas eram apenas borboletas!*

Mieko não demorou a decorar aquela caligrafia e conseguia copiá-la mentalmente, recordando o tempo em que os seus próprios traços eram suficientemente bons para serem pendurados nas paredes.

Evitava falar fosse com quem fosse. Das poucas vezes que a avó recebera uma amiga para o chá, Mieko tinha-se escapulido para a praia vizinha. Alguém deixara lá um enorme pedaço de cano de esgoto em barro e a menina fizera do seu interior fresco e sombrio o seu esconderijo secreto. No chão arenoso traçara ideogramas com um pau: mãe, pai, casa.

O sol brilhava sobre o oceano azul, pescadores penduravam e remendavam as redes, caranguejos da areia deslizavam pela praia e aves marinhas mergulhavam em busca do jantar. Mas Mieko de nada se apercebia, porque apenas via a sua solidão.

Chegou nova carta da mãe, desta vez para os avós. Mieko debruçou-se sobre o ombro do avô, enquanto este lia algumas passagens em voz alta. A mãe dizia que pensavam viajar até à quinta depois das férias do Ano Novo e levar a filha de volta para casa. Mieko ficou desanimada. O Dia de Ano Novo parecia estar à distância de anos, em vez de apenas alguns meses.

Havia uma nota para ela no fim da carta:

Querida Mieko,

Ainda te dói muito a mão? Já debes estar a escrever com um lápis. Que tal vai a pintura? Ainda não nos contaste nada sobre a escola. Vê se escreves em breve.

Um beijo,

Mãe.

Mieko não teve coragem de olhar para os avós. Sentia-se envergonhada. Como poderia escrever sobre a escola, os novos amigos ou a pintura? Sentiu um nó na garganta e correu para fora de casa. Encostada a uma das paredes, ouviu os avós dizer na sala.

— Aquela rapariga é demasiado introvertida — dizia a voz ansiosa da avó. — Até parece que um duende mau lhe roubou a alma. Quase não sorri e, sempre que aparece alguém, desaparece tão depressa como um ovo cozido desliza por pauzinhos. E nem sequer pega num pincel ou num lápis.

O avô disse, calmamente:

— Quando a Mieko se sentir preparada, vai voltar para a escola.

Depois de um longo silêncio, acrescentou:

— Quando uma jovem se sente perturbada, devemos deixá-la em paz. Só a Mieko pode curar-se a si mesma. Nós não podemos fazê-lo.

— Acho que tens razão — concordou a avó com um suspiro.

Mieko engoliu em seco. Por sua culpa, os avós também estavam tristes.

Na manhã seguinte, o médico veio vê-la e ficou surpreendido com o quanto ela mudara.

— Não te pareces nada com aquela menina escanzelada que chegou aqui em agosto. A comida da quinta faz-te mesmo bem.

Inclinando-se para Mieko, disse:

— Só não gosto nada dessa cara triste. Um pouco de felicidade faria de ti uma bela jovem.

Mieko corou e sorriu um pouco.

— Assim está melhor — disse o médico, tocando-lhe na mão e mexendo-lhe os dedos. — Precisas de pintar para distender estes músculos hirtos.

— A Mieko está bem, doutor? — perguntou a avó, vinda da cozinha. — Já pode voltar para a escola?

O médico acenou afirmativamente e levantou-se para sair.

Mieko olhou para um e para o outro e sentiu-se quase sufocar.

— Eu não quero voltar nunca!

— *Nunca* é demasiado tempo — comentou o médico, com o sobrolho franzido. — És inteligente e tens queda para a caligrafia, Mieko. Mas nenhuma destas capacidades se desenvolverá, se ficares em casa, amuada a um canto.

— Ninguém vê a minha inteligência. Só veem a minha mão feia. E não estou amuada — disse a menina, com a voz a tremer.

— Não sei o que fazer com ela — queixou-se a avó, impotente.

O médico falou de novo, com uma certa dureza na voz:

— Mieko, podes ser uma pessoa amarga durante toda a vida, mas só te magoas a ti e à tua família. O ódio crescerá no teu coração como uma erva daninha e ocupará o lugar do amor e da beleza.

— Não quero saber! — gritou a menina, saindo a correr.

Com as lágrimas a queimarem-lhe os olhos, passou a correr pelas quintas vizinhas e subiu até ao monte. O trilho serpenteava por entre rochedos de formas estranhas e declives cobertos de relva. Mieko só se deteve quando chegou junto de um riacho, a meio da subida. Cheia de calor e cansaço, atirou-se ao chão e mergulhou os dedos na água fresca.

O ar estava seco como uma bolacha de arroz. A menina pousou a cabeça na margem musguenta e pôs-se a escutar o zumbido lento dos insetos e o gotejar da água sobre os seixos.

De repente, ouviu um barulho próximo.

O som era estranho e Mieko lembrou-se das histórias que ouvira sobre Tengu, o demónio de cara vermelha que vive nas montanhas. Contava-se que tinha asas, garras e um nariz muito comprido. Levava as crianças que se portavam mal para a sua caverna e nunca mais ninguém as via.

“Se isso for verdade, é certo que o Tengu vai levar-me”, pensou Mieko. E começou a dar-se conta de que, ultimamente, não estava a comportar-se de forma correta: preocupava os avós, faltava às aulas, tinha sido inconveniente com o médico, detestava quase toda a gente e nem sequer tentara pintar ou escrever aos pais. Eram muitas as más ações.

Susteve a respiração e pôs-se à escuta.

O som assustador fez-se de novo ouvir. Parecia um bater de asas.

Levantou-se de um pulo e desatou a correr pelo caminho sinuoso o mais depressa que podia.

6

Yoshi

Mieko desatou a correr pela encosta abaixo e quase tropeçava em alguém. Era Yoshi. Com um vestido amarelo e uma fita no cabelo a condizer, Yoshi mais parecia uma borboleta. Durante alguns segundos, Mieko ficou em silêncio, demasiado atordoada para falar.

— O que se passa? — perguntou Yoshi. — Porque corres? Pareces aterrorizada.

Quando Mieko recuperou o fôlego, apontou para a encosta e disse:

— Havia um Tengu a perseguir-me, lá em cima, perto do riacho.

— Tens a certeza? — perguntou Yoshi, com um sorriso no olhar. — Não me parece que haja Tengus por aqui.

Mieko ficou corada e disse:

— Te...Tenho a certeza de que ouvi algo.

— Podia ser um animal pequeno — sugeriu Yoshi, observando Mieko com curiosidade.

Depois, mudando de assunto, perguntou:

— Porque já não vais às aulas?

— O médico disse à minha avó que eu precisava de descansar — respondeu Mieko, em voz baixa.

— Na escola, todos pensámos que não gostaste de nós.

— Mas eu pensei... — gaguejou Mieko — ... pensei que vocês é que não gostaram de mim.

Seguiu-se um silêncio embaraçoso.

Por fim, Mieko disse:

— Bem... acho que tenho de voltar para casa.

Yoshi assentiu e seguiu-a pelo monte abaixo. Quando chegaram ao quintal da casa, a avó estava a tirar roupa da corda de bambu para um cesto.

— Olá! — acenou. — Entrem e sentem-se.

Serviu-lhes bolos de feijão, uma autêntica iguaria, e fez muitas perguntas a Yoshi, enquanto Mieko sorvia o seu chá, em silêncio.

Yoshi, saboreando os pastéis levíssimos, contou coisas sobre si e sobre a escola.

— Os meus pais foram mortos quando eu era bebé — disse. — Por isso, vivo com os meus tios.

Mieko fitou-a, surpreendida. Imaginava Yoshi como a rapariga mais feliz à face da

Terra, alguém a quem nada faltava. Perguntava-se como poderia ela sorrir e ser gentil se tinha perdido a família. Depois do lanche, acompanhou-a ao portão e ficou a vê-la caminhar em direção a casa.

Nos dias seguintes, Mieko passou bastante tempo fora de casa, na esperança de voltar a ver Yoshi. Mas só voltou a vê-la uma semana mais tarde. Estava na mercearia a comprar chá com a avó quando Yoshi entrou.

— A tia Hisako mandou-me comprar chá — explicou.

— Nós também viemos ao mesmo — disse Mieko, a sorrir.

Caminharam juntas até à casa da avó.

— Gostavas de ver o meu quarto? — perguntou Mieko, com timidez.

— Acho que sim — respondeu Yoshi.

Mieko queria mostrar tudo à colega, mas não tinha roupas especiais ou bonecas bonitas. Hesitando, abriu uma gaveta e mostrou-lhe os seus quatro tesouros: a pedra de tinta, o bloco de tinta, o pincel e o rolo de papel de arroz.

Yoshi passou os dedos pelo nenúfar gravado na pedra e, depois, afagou os pelos do pincel.

— Tens um material maravilhoso! — exclamou, com admiração. — Deves pintar muito bem.

Mieko nada disse e guardou os tesouros. Não conseguia contar a Yoshi que tinha perdido o quinto tesouro. Tinha a certeza de que a colega não gostaria de uma rapariga com tanta raiva dentro dela... Levou Yoshi até ao jardim e ambas se interrogaram sobre o sentido das palavras gravadas no rochedo do avô.

Ao despedir-se, Yoshi perguntou:

— Amanhã vais à escola?

Mieko não sabia se estava disposta a ir à escola, mas também não queria dizer “não” a Yoshi. Por isso, respondeu:

— Talvez.

Contudo, por volta da hora de jantar, já tinha decidido. Parou de comer a sopa e disse:

— Penso que amanhã vou à escola.

Os avós olharam-na, surpreendidos.

— Avô — disse Mieko, com um olhar sério, — acho que começo a compreender o significado das palavras do teu rochedo. Significam que não devo preocupar-me com a minha cicatriz ou com a ida para a escola.

O avô puxou-a para si.

— Acho que estás a ficar sensata — disse, dando uma risadinha. — Estás a aprender

a aceitar as coisas que não podes mudar. E, mais importante ainda do que isso, estás a aceitar-te tal como és, com cicatrizes e tudo.

Depois da louça lavada e arrumada, sentaram-se a falar até as estrelas aparecerem no céu.

Ao deitar, a menina olhou-se ao espelho. Tinha uma cara simples e redonda, emoldurada por cabelo preto e uma franja. Mieko desejou que da sua face emanasse um pouco da bondade que via no rosto de Yoshi.

Nessa noite, quando adormeceu, não sentia mal-estar ao pensar na escola e não tinha um nó tão grande na garganta. Sentia-se como se começasse a ver luz, depois da travessia de um túnel escuro. Talvez tudo fosse correr bem.

7

O concurso

Mal Mieko entrou na sala de aula, sentiu que havia algo de diferente. Todos sorriam.

— Estamos contentes por teres regressado, Mieko — disse a Menina Suzuki, de forma agradável, como se nada de extraordinário se tivesse passado.

— Temos estado a estudar as bombas atómicas de Hiroshima e de Nagasaki — disse uma das alunas. — Deves ter sido muito corajosa.

Mieko sentiu a sua amargura dissolver-se como neblina matinal.

Depois deste episódio, as aulas começaram a correr extraordinariamente bem. Mieko conseguia escrever com um lápis e a professora mostrava-se satisfeita. Na aula de composição, escreveu a primeira carta para os pais.

Queridos mãe e pai,

Tenho uma nova amiga chamada Yoshi e gosto de andar na escola. Como a mão ainda me dói, a minha caligrafia não é muito boa. Ainda não usei o pincel. Também tenho muitas saudades vossas.

Um beijo,

Mieko.

Certo dia, quando se encontrava no quarto, Mieko abriu a gaveta da cómoda e tirou de lá os quatro tesouros. Sentada numa almofada, esfregou o bloco de tinta na pedra de tinta humedecida. Quando a tinta ficou preta e suficientemente grossa, Mieko pegou no

pincel e começou a pintar o traço que correspondia ao ideograma “um”. Sentia-se como uma criança a aprender a escrever pela primeira vez.

Segurar no lápis não tinha sido muito doloroso; contudo, quando pressionou o pincel com força contra o papel, sentiu um espasmo de dor percorrer-lhe a mão. Mieko susteve a respiração e terminou a pincelada. Depois, franziu o sobrolho ao olhar para a linha torta. Não se parecia em nada com o traço elegante que fizera inúmeras vezes antes.

A avó entrou no quarto e debruçou-se para ver. Mieko tentou tapar o papel, mas a avó já tinha visto o traço desajeitado.

— Ora olha — disse a avó, pegando no pincel e pintando o traço com suavidade. — É assim que se faz. Tenta de novo.

Sem proferir palavra, Mieko limpou o pincel e a pedra de tinta e arrumou os tesouros. Claro que sabia como havia de fazer. Será que a avó não se dava conta disso?

Mieko começou a passar cada vez mais tempo com Yoshi.

O avô até dizia:

— Vocês são tão chegadas que mais parecem um par de pauzinhos.

Às vezes, depois das aulas, Mieko levava Yoshi até ao seu lugar secreto.

Sentavam-se dentro do cano e observavam os caranguejos eremitas a deslizar pela areia. Ou apanhavam conchas pequeninas e seixos arredondados pelas vagas.

Vagueavam pelo monte acima, apanhando folhas amarelas e douradas para dar à avó de Mieko e à tia de Yoshi, Hisako. Mieko adorava as cores suaves do outono que cobriam a terra e as árvores. Deitavam-se, muitas vezes, na relva, a olhar para o céu e a tentar descobrir animais nas nuvens grossas.

Aos poucos, Mieko ia esquecendo a solidão que costumava trazê-la até às montanhas e à praia. Mas estavam sempre atentas a uma possível aparição de Tengu.

— Deve ter hibernado — dizia Yoshi, com um risinho abafado.

Enquanto desciam a encosta a correr, cantavam:

O nariz do Tengu cresce que não acaba.

Tem os pés vermelhos como a beterraba.

O demónio da lenda tornou-se a sua brincadeira secreta.

Certo dia, a professora anunciou:

— A nossa escola vai realizar um concurso de caligrafia no último dia antes das férias do Ano Novo e nele podem participar todos os alunos que pintam ideogramas com pincel. Escreverei a palavra no quadro, mesmo antes do início do concurso, e o que a pintar com os traços mais artísticos será o vencedor. Os traços serão depois copiados para uma placa de bronze e pregados no grande rochedo do pátio.

— Vamos participar! — disse Yoshi, com entusiasmo.

Mieko, porém, abanou a cabeça. Como poderia pensar em participar num concurso, se não conseguia pintar os traços mais simples?

— Anda lá! — tentou persuadi-la Yoshi. — Vai ser divertido. Além do mais, nenhum de nós teve lições de caligrafia durante a guerra e tu já há muito tempo que a estudas. Tens mais hipóteses de ganhar do qualquer um de nós — terminou, puxando pela manga de Mieko.

“Tenho mesmo”, pensou Mieko, amargurada. “Tive aulas que de nada me servem agora.”

Olhou de relance para os dedos delicados de Yoshi. Como poderia sequer competir com uma pessoa como ela? E com as mãos perfeitas de todos os outros alunos? Pior ainda, Mieko sabia que nunca ganharia sem a magia especial do quinto tesouro.

Mas Yoshi não se calava com o concurso. Quando chegaram a casa de Mieko, a avó estava a lavar roupa numa grande tina.

— Vai haver um concurso de pintura na escola e penso que a Mieko devia entrar — disse-lhe Yoshi.

A avó parou o que estava a fazer e colocou as mãos vermelhas nas ancas.

— Eu também penso — disse, olhando a neta fixamente. — Os teus pais iriam ficar tão orgulhosos...

— Não! — disse logo Mieko. — Não estou preparada. Não posso — acrescentou, depois de uma pausa.

O assunto acabava ali. Pelo menos, era o que Mieko pensava.

8

A tia Hisako

Num dia fresco de outono, Yoshi anunciou:

— Vou dar uma festa no domingo e quero que venhas.

Mieko ficou excitadíssima. Tinha a certeza de que a casa de Yoshi se devia parecer com um castelo de contos de fadas.

Nesse dia especial, a avó não foi ajudar o avô a colher arroz. Ficou em casa para se certificar de que a neta se vestia condignamente para uma ocasião tão importante. Pôs uma fita azul no cabelo de Mieko e apertou-a tanto que a menina até gritou. Depois, puxou

bem o nó do laço e ajeitou a melhor saia de Mieko.

— Onde está o teu lencinho limpo? — perguntou em seguida.

Mieko tirou-o do bolso.

— Não te esqueças de o usar — disse a avó, dando um último retoque na roupa. — Agora podes ir.

Quando chegou a casa de Yoshi, Mieko viu-se diante de um portão alto e fechado, com uma pequena porta ao lado. Após alguns minutos de hesitação, ganhou coragem e bateu ao de leve. Como ninguém veio atender, Mieko bateu com mais força.

Logo ouviu o barulho de um par de socos no pátio.

— Sou eu, a Mieko — disse, fazendo uma vénia, embora ninguém a pudesse ver.

A porta pequena abriu-se e Yoshi pôs a cabeça de fora.

— Sabia que eras tu — disse, rindo. — Entra.

As raparigas tiraram o calçado na entrada e enfiaram chinelos. Ao percorrer o corredor, os chinelos de Mieko estavam sempre a sair, eram grandes de mais. Sentiu-se aliviada quando chegou à porta deslizante da sala de estar e se descalçou para caminhar sobre o tatami.

Ao contemplar a sala, ficou sem palavras. Era tão grande que tinha oito tapetes! Havia almofadas de seda dispostas junto de uma mesa baixa onde biscoitos e bolos ao lado de um bule com chávenas a condizer faziam crescer água na boca. Mieko desejava lanchar de imediato.

— Senta-te — disse Yoshi, com uma voz de anfitriã adulta.

Mieko sentou-se sobre os pés, diante de Yoshi. Às vezes, em casa, espamarrava-se. Mas aqui tinha de se comportar de forma a não envergonhar a avó.

O tiquetaque do relógio da entrada ecoava no silêncio. Mieko observou os quadros pendurados nas paredes e sobre a porta. Gostou do dragão em tinta preta. Os traços do artista deslizavam e saltavam no papel, fazendo com que o dragão parecesse vivo. Mieko quase sentia o calor do seu sopro flamejante.

A outra pintura era um poema em caligrafia que dizia:

*Por entre a corrupção do mundo,
um coração de jade branco e puro.*

A menina perguntou-se o que significaria “corrupção”.

De repente, Yoshi disse-lhe:

— Escusamos de estar tão caladas. Somos só nós.

Mieko sorriu abertamente e, em pouco tempo estavam a comer os doces e a palrar sobre a escola.

Tinha acabado de meter na boca o último bolo quando uma mulher magra e elegante entrou na sala. Vestia um quimono de seda verde com peónias e uma faixa de brocado que reluzia com fios dourados. O seu cabelo preto e brilhante estava delicadamente preso num rolo.

Mieko olhou fixamente para aquele rosto, tão belo e suave, como se aquela mulher tivesse um coração de jade puro e branco.

— Tia Hisako, esta é a minha melhor amiga, Mieko — apresentou Yoshi.

A tia Hisako dirigiu um sorriso a Mieko e sentou-se graciosamente numa almofada.

— Quando tiveres acabado de comer, Mieko, podes tratar-me por “tia” — disse.

Enquanto as meninas mastigavam, a tia Hisako perguntou a Mieko:

— De que gostas mais na escola?

Mieko engoliu e respondeu:

— Da aula de leitura, tia Hisako.

Uma das pernas de Mieko tinha começado a adormecer e a menina esforçava-se por não se mexer. Contudo, quando já não conseguia aguentar as picadas, enfiou uma mão por debaixo de si e esfregou-a.

A tia Hisako começou a falar de caligrafia.

— Pinta ideogramas? — perguntou Mieko, com voz suave.

— Não — respondeu a tia. — Sou apenas uma estudiosa da pintura a pincel. Ou seja, estudo o trabalho de famosos calígrafos. É uma atividade que me dá imenso prazer.

Fixando Mieko, perguntou:

— Suponho que também vais tentar ganhar o concurso da escola?

Mieko abanou a cabeça.

— Sou demasiado desajeitada.

— Que disparate! — exclamou a tia, erguendo as mãos brancas. — A falta de jeito está na nossa mente. A tua mão parece perfeitamente curada.

— Mas... — começou Mieko, pensando na melhor forma de explicar à tia Hisako a perda do quinto tesouro.

— Nunca ouviste falar do venerável Kobo Daishi, que conseguia pintar os ideogramas mais delicados, não usando apenas a mão direita? — perguntou a tia.

Mieko abanou a cabeça.

— Pintava-os com a mão esquerda, com o pincel entre os dedos do pé direito ou do pé esquerdo, e até com o pincel na boca.

A menina ficou sem fala, tentando imaginar o monge a pintar com os pés.

— Se ele consegue fazer isso — disse a tia Hisako — também tu podes pintar com uma mão.

Mieko mexeu-se, desconfortável, desejando não ter aceitado o convite.

— Na vida, nada é fácil — disse a tia, levantando-se.

Ao sair da sala, tirou um livro de uma estante e abriu-o para lhes mostrar uma ilustração.

— Podes levar este livro para casa. Se estudarem os traços destas páginas e praticarem bastante, uma de vós pode ganhar o concurso. Lembrem-se de que uma pedra preciosa só brilha depois de polida.

— Obrigada, tia Hisako — disseram as raparigas em coro, com as cabeças tão inclinadas que quase tocavam o tapete.

Depois de a tia sair, Yoshi disse:

— Lamento muito, Mieko. A minha tia pode parecer temível, mas quer realmente ajudar.

A caminho de casa, Mieko pensou nas palavras da tia Hisako, mas não via como poderia ganhar o concurso sem o quinto tesouro.

Contou à avó tudo sobre a casa imponente de Yoshi, o chá que tomaram e a tia Hisako. Nessa noite, ficou acordada durante muito tempo, pois não conseguia esquecer o que a tia de Yoshi lhe dissera.

Com os seus olhos a fecharem-se, Mieko sussurrou:

— Vou participar no concurso, mesmo que não tenha hipóteses de vencer.

9

Amizade

Havia uma coisa acerca do concurso que Mieko não compreendia e que, qual mosca incómoda, zumbia na sua cabeça durante todo o pequeno-almoço.

— Não costumavas estar tão calada — comentou o avô. — O que te preocupa?

Mieko tentou explicar:

— Se dois alunos pintarem a palavra do concurso da mesma maneira, qual deles é o vencedor?

O avô coçou a barba curta e grisalha.

— Penso que tal não acontecerá — disse, pausadamente. — A humidade, a secura e a rapidez dos traços são diferentes de pessoa para pessoa. Pintar um ideograma é como

tocar piano. Não há dois músicos que toquem uma partitura da mesma maneira.

O avô abriu o livro da tia Hisako e mostrou algumas obras-primas de caligrafia.

— Observa o ideograma de “felicidade”. É pintado de forma diferente por estes dois grandes artistas, não achas? Cada um possui o quinto tesouro, mas as suas personalidades e estilos revelam-se de maneira diferente no seu trabalho.

Mieko estudou minuciosamente as páginas.

— Não debes pintar o que os teus olhos veem, mas o que o coração conhece — disse o avô. — Se no teu coração houver beleza, a tua pintura mostrá-la-á. Compreendes?

Mieko assentiu:

— Acho que sim.

O avô num sorriso rasgado questionou:

— Essa pergunta significa que vais entrar no concurso?

— Sim, avô, vou — respondeu Mieko, sem explicar porquê.

A avó saiu de junto da banca e abriu os braços para a neta, que escondeu a face no avental e abraçou a avó com força.

— Isso é que é ser corajosa! Imagina o quão orgulhosos os teus pais se vão sentir quando virem os teus traços na placa de bronze!

Mieko ficou calada. Perguntou-se se a família ficaria orgulhosa dela mesmo que perdesse, sabendo de antemão que iria perder.

Nessa mesma tarde, Mieko e Yoshi começaram a praticar os seus traços. Yoshi abriu o livro da tia no início, para poderem copiar os ideogramas dos mestres de caligrafia japoneses.

Ajoelharam-se, rodeadas de folhas de papel espalhadas pelo chão, que cobriam com filas de traços negros. Alguns pareciam lágrimas, outros caudas de rato, pernas de cegonha, patas de tigre, espadas e ossos. Fizeram centenas deles.

Yoshi pintava com traços pequenos, precisos, iguais. Os traços de Mieko eram grandes, grossos e finos, rápidos e lentos, varrendo a página. Para compensar a imobilidade da mão, a menina usava o corpo todo para pintar.

Enquanto trabalhavam, Mieko contava a Yoshi histórias acerca dos ideogramas, que ouvira nas aulas de caligrafia.

— Estas são as duas partes do ideograma “casa” — disse Mieko, desenhando os traços. — A primeira parte significa “telhado” e a segunda “porco”.

Yoshi riu, deleitada.

— Imagina só meter um porco numa casa!

— O meu professor explicou que, antigamente, as pessoas guardavam os porcos dentro de casa — disse Mieko. — Por isso, desenhamos o ideograma desta maneira.

Yoshi fez uma careta.

— Ainda bem que já não guardamos os porcos dentro de casa.

— Vê só esta palavra! — exclamou Mieko, pintando o ideograma “amor”. — Uma parte dele significa “mulher” e a outra “criança” — explicou. — Se colocares três mulheres juntas num ideograma, obténs a palavra “barulho”. Vês?

— Nunca tinha pensado nisso, mas acho que não é justo, porque três homens juntos também fazem barulho! — disse Yoshi.

E os dias foram voando por entre as histórias e a prática.

As chuvas em breve se transformaram em camadas de granizo, que soavam a trovões no telhado da casa. Nas horas escuras e frias depois das aulas, Mieko e Yoshi sentavam-se a uma mesinha, com um aquecedor por baixo. A avó tinha colocado uma manta sobre a mesa baixa para conservar o calor, e as meninas punham as mãos e os pés frios debaixo da manta até os aquecerem. Depois, continuavam a praticar.

A avó também tinha sempre um prato de biscoitos por perto.

— Para vos dar forças — dizia, com os olhos enrugados pelo sorriso.

Sentava-se junto delas com o cesto do tricô e o clicar constante das agulhas funcionava como música de fundo. Por vezes, mandava-as lá para fora a apanhar ar fresco e fazer exercício.

— Os olhos também têm de descansar — dizia, com sensatez.

Vestidas com casacos grossos e munidas de luvas, botas e cachecóis, saíam para o pátio, onde se via um punhado de neve que brilhava como diamantes à luz suave e coada pelos painéis de papel das portas. Mieko pegava num pau e até no pátio tentava escrever na neve, mas Yoshi detinha-a.

— É tempo de brincar! Desafio-te a uma corrida até à esquina!

Escorregando e deslizando pelo caminho gelado, cantavam a canção de Tengu:

*O nariz do Tengu cresce que não acaba,
tem pés vermelhos como a beterraba.
As patas do Tengu garras têm,
e a cabeça chumbo também!*

E, sem forças de tanto rir, Mieko e Yoshi caíam num emaranhado de braços e pernas.

Esperança

Certa noite, Mieko tentava, com alguma dificuldade, traçar o ideograma “festa”. Tentou várias vezes, sem sucesso. Depois, pensou em exemplos de comida saborosa até lhe crescer água na boca. E, de imediato, o pincel quase voou pelo papel fora.

Mieko contemplou o ideograma e constatou que estava bem melhor do que os precedentes. A porta de acesso ao seu mundo interior mágico começava a abrir-se. Talvez o seu coração tivesse sido revisitado por um pouco de beleza. Será que o quinto tesouro voltaria a tempo do concurso, de forma a que Mieko pudesse fazer os traços perfeitos e plenos de sensibilidade?

Só havia uma forma de descobrir. Praticar. Mieko decidiu trabalhar o mais que podia, mesmo quando a mão lhe doía muito. Se o quinto tesouro não voltasse, desistiria da caligrafia para sempre. Às vezes, conseguia fazer dois ou três ideogramas corretos num dia. Noutras alturas, apetecia-lhe chorar, porque tudo saía mal: a tinta era demasiado grossa ou demasiado fina, o traço era sinuoso ou o ideograma ficara inclinado, qual barco prestes a afundar-se.

À hora de deitar, o avô ajustou os óculos e inspecionou o trabalho de Mieko. Observou-o à distância de um braço, primeiro, e depois aproximou as folhas para ver melhor. Comparou os traços de Mieko com os do livro da tia Hisako.

— Bem, aquela lágrima está um pouco gorducha de mais... a espada deve ter um gume mais afiado... e a perna do elefante deveria ser mais forte. Lembra-te de que todas as partes do ideograma devem encaixar, da mesma forma que as partes do teu corpo se harmonizam.

Mieko sentiu-se desanimada. Parecia não haver nada a fazer, mas a menina continuou a tentar no dia seguinte.

À medida que se aproximava o concurso, a turma estava cada vez mais excitada. A Menina Suzuki tinha pedido aos artistas para trazerem amostras da sua pintura para a escola. Quando as folhas foram passadas de mão em mão, todos admiraram os traços artísticos e grandes de Mieko.

Contudo, apesar de praticar durante muitas horas, a menina sabia que faltava ainda algo aos seus ideogramas.

O próprio avô concordava.

— Os teus ideogramas estão corretos — dizia, pensativo — mas falta-lhes chama. Parecem ter sido impressos por uma máquina.

Duas lágrimas grossas rolaram pela face de Mieko. Todo o seu trabalho havia sido em vão.

— Não vale a pena! — exclamou. — O quinto tesouro foi-se de vez.

O avô aproximou-se.

— O quinto tesouro não é algo que se perca, como se perde um sapato ou uma meia.

— Mas, depois da bomba...

O avô estendeu o braço e limpou as lágrimas da neta.

— A bomba magoou muita gente, Mieko, e magoou a tua mão. Mas a bomba não pode destruir o que tens dentro de ti. Talvez estejas a tentar demasiado. A solução pode estar em dar um pouco de descanso a ti mesma e ao teu pincel.

— Não posso! Só faltam alguns dias para o concurso.

Tomando a face da neta nas suas mãos fortes, o velho olhou-a bem nos olhos.

— Ouve, minha querida. Não conseguirias dançar bem se tivesses acabado de correr um quilómetro, pois não? O mesmo se passa com a tua caligrafia. Tens de estar descansada para dar o teu melhor.

Mieko suspirou fundo.

— Está bem — concordou, cansada.

No dia seguinte, a menina não pintou. Tentou esquecer o concurso e pensar apenas na celebração do Ano Novo. Ajudou a avó a limpar a casa para que o novo ano não encontrasse réstia de pó lá dentro.

De tarde, chegou uma carta dos pais.

Querida Mieko,

Espero que participes no concurso. A prática fará bem à tua mão e sei que a beleza do teu coração florescerá de novo como o pessegueiro do nosso jardim. Então, o teu pincel dançará sobre o papel. Estou tão certa disso como sei que o bambu se dobra com o vento.

Um beijo,

Mãe.

Mieko leu a carta muitas vezes. Leu-a no quarto e na escola. Contudo, ainda não se sentia segura. Não acreditava que o seu pincel dançasse de novo sobre o papel. No fundo, a sua preocupação com a ausência do quinto tesouro aumentou.

11

O tesouro

Na noite anterior ao concurso, Mieko sonhou que a família estava de novo reunida. Estavam a fazer um piquenique debaixo de uma cerejeira, florida como uma nuvem cor-de-rosa. Mieko escrevia um poema acerca das flores, com o pincel, e os ideogramas ecoavam, cheios de vida. Depois, rajadas de vento começaram a abanar os ramos.

Quando acordou de manhã, os ruídos do sonho prolongaram-se no som que a vassoura da avó fazia ao varrer o chão da entrada. Mieko tentou regressar àquele sonho maravilhoso, mas era tarde de mais. Tremendo de frio, apressou-se a vestir a roupa.

Tinha acabado de engolir o pequeno-almoço quando Yoshi apareceu. Vinha com a face rosada do frio e da excitação e segurava algo atrás das costas.

— Adivinha o que trago aqui! — disse, saltando de pé em pé e tentando calar o seu segredo.

Mieko não pôde deixar de rir.

— Não consigo adivinhar! — disse.

— Então, fecha os olhos, enquanto o desembrulho — ordenou Yoshi.

Mieko tapou os olhos e ouviu um ruído de papel. Demasiado curiosa para esperar, espreitou e viu que Yoshi desenrolava uma folha artesanal de papel de arroz.

— Oh! — suspirou, com a certeza de que aquele era o melhor papel feito em todo o Japão. Era de cor creme e tinha uns grãosinhos salientes. Mieko sentiu uma pontada de inveja.

— Onde o arranjaste, Yoshi?

— A tia Hisako encomendou-o numa loja de Tóquio.

— Fico contente por ti — disse Mieko, falando com dificuldade.

Os olhos de Yoshi brilharam quando disse:

— O papel não é para mim — riu, ao ver o olhar surpreendido de Mieko. — É para ti.

Mieko ficou imóvel e sentiu tristeza pela inveja que sentira.

Yoshi sorriu:

— Tu é que tens talento a sério. Os meus traços são simples e banais.

— Mas... não podes... — tentou argumentar Mieko.

— Nada de objeções — interrompeu Yoshi. — Quero que uses este papel. Foi a tia Hisako que mandou. Promete-me que o farás.

Por fim, Mieko assentiu com a cabeça e fizeram figas para selar o acordo.

Na escola, algumas carteiras da sala da Menina Suzuki tinham sido retiradas para que os artistas pudessem sentar-se em almofadas, junto de mesas baixas. Os vinte candidatos entraram na sala em silêncio, de forma ordenada, e sentaram-se.

Todos os olhares se concentraram no quadro, onde a professora iria escrever a palavra.

As mãos de Mieko tremiam, enquanto dispunha na mesa a pedra e o bloco de tinta, o godé e o pincel. Mas os seus tremores cessaram enquanto desfazia a tinta, porque o barulho ritmado do movimento a acalmou. Depois, desenrolou o papel macio.

No quadro, a professor escreveu a palavra “amizade”.

Nesse momento, a turma deixou de existir para Mieko, enquanto ela se concentrava na palavra. Dentro do seu mundo mágico — um mundo onde linhas e formas tinham vida própria — apenas viu o papel e o pincel. A mente revelou-lhe cada traço. Amizade era Yoshi.

Todo o afeto que Mieko sentia pela amiga perpassou pelos traços fortes e seguros, e cada uma das suas quinze pinceladas tinha a energia de um ser vivo.

Mieko pintou a palavra tão depressa que a sua mão parecia ter sido guiada. O pincel dançara sobre o papel, tal como dantes. Como que a flutuar num sonho, Mieko depositou a folha na secretária da Menina Suzuki, vestiu o casaco quente e saiu da sala.

Ficou de pé no recreio sossegado, com o ar frio a bater-lhe nas faces. Sentiu a felicidade a submergi-la. O quinto tesouro tinha regressado.

Yoshi correu até ela e agarrou-lhe o braço.

— O que aconteceu? Porque pareces tão esquisita?

Com os olhos a brilhar, Mieko respondeu:

— O pincel dançou, dançou mesmo.

— Aposto que vais ganhar! — gritou Yoshi.

— Se ganhar — disse Mieko, com voz calma — será graças a ti. Quando pensei em “amizade”, pensei em ti. E foi isso que pinte.

Yoshi colocou a mão no cimo do rochedo quando passaram por ele.

— Se ganhares e os teus traços forem inscritos neste rochedo, todos se lembrarão de ti — disse Yoshi, com tristeza. — Sobretudo eu, que sentirei muito a tua falta — acrescentou, apertando o braço de Mieko.

Mieko pestanejou, para afastar as lágrimas que lhe assomaram aos olhos ao pensar na separação da amiga. E disse-lhe:

— Quando cheguei aqui, só queria voltar para casa. Agora, vou ter pena de ir embora.

— Podemos escrever-nos — disse Yoshi, num tom de voz mais alegre. — E talvez possas voltar nas férias grandes.

— Claro! — exclamou Mieko. — E podemos ir para a praia, esconder-nos no nosso lugar secreto...

— E procurar o Tengu! — acrescentou Yoshi.

Desataram ambas a rir. Depois, de mão dada, apressaram-se a ir para casa, sob a neve suave que caía.

FIM

Nota da Autora

Quando a escrita se desenvolveu na China e no Japão, há milhares de anos, as pessoas não usavam letras para se exprimirem, mas antes desenhos. Os desenhos, a que hoje chamamos “ideogramas”, mudaram pouco ao longo dos séculos. Os ideogramas são compostos por traços feitos com canetas ou lápis, e os Japoneses consideram a escrita de ideogramas com pincel uma autêntica arte.

Era esse tipo de artista que Mieko almejava ser.

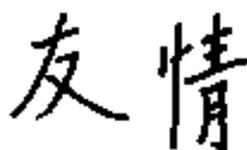
Muitos ideogramas japoneses são descrições quase gráficas do que significam. Assim, “montanha” parece-se com uma montanha:

O ideograma japonês para 'montanha' (山) é formado por três traços: um traço horizontal superior, um traço diagonal descendente à esquerda e um traço diagonal descendente à direita que se encontra no ponto central do traço horizontal superior.

E “árvore” parece-se com uma árvore:

O ideograma japonês para 'árvore' (木) é formado por um traço horizontal superior e um traço vertical descendente que se encontra no ponto central do traço horizontal superior.

Outras palavras, tais como “amizade”, são mais complicadas. A forma escrita corrente de “amizade” é:

A forma escrita corrente do ideograma japonês para 'amizade' (友情) é formada por dois ideogramas: '友' (amizade) e '情' (sentimento), escritos lado a lado.

Porém, quando pintado com um pincel, o ideograma tem este aspeto:

A forma pintada com pincel do ideograma japonês para 'amizade' (友情) é formada por dois ideogramas: '友' (amizade) e '情' (sentimento), escritos lado a lado, com traços mais fluidos e menos definidos do que na forma escrita corrente.

Era este o aspeto do ideograma que Mieko traçou para descrever os seus sentimentos por Yoshi, aquando do concurso.

Sobre a Autora

O fascínio de Eleanor Coerr pelo Japão começou no Natal em que lhe ofereceram um livro cheio de ilustrações do Japão e de crianças japonesas. Durante muitos anos, Eleanor desejou visitar o país, mas o seu desejo só se concretizou quando, em 1949, viajou até lá como jornalista. Eleanor ficou no Japão durante três anos, um dos quais foi passado com uma família numa quinta, a aprender o japonês e a absorver a cultura japonesa.

A viagem mais difícil que efetuou foi a Hiroshima, onde a devastação causada pela bomba atômica a chocou profundamente. Nunca mais conseguiria esquecer o que lá viu. O seu desejo era que os líderes mundiais do futuro impedissem as guerras a todo o custo. Decidiu escrever sobre os bombardeamentos do Japão nos seus livros Sadako and the Thousand Paper Cranes e Mieko and the Fifth Treasure, para que as crianças de todo o mundo compreendessem o efeito que isso tivera na vida dos Japoneses...

Eleanor Coerr
Mieko and the fifth treasure
New York, Puffin Books, 2003
(Tradução e adaptação)